

# TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: DO REALISMO À TEORIA VERDE

## INTERNATIONAL RELATIONS THEORIES: FROM REALISM TO GREEN THEORY

Leonardo Dutra<sup>1</sup>

### RESUMO:

O presente artigo apresenta as principais ideias que compõem as Teorias das Relações Internacionais desde seus primeiros registros nas anotações de Edward Carr até os modernos entendimentos teóricos do cenário internacional que abordam questões relativas ao Pós-colonialismo e a problemática do meio ambiente.

### ABSTRACT:

This article presents the ideas that underlie the Theory of International Relations starting from the earliest records found in the notes of Edward Carr and leading up to the modern theoretical understanding of the international scene that deals with questions regarding Post-colonialism and the problems of the environment.

### PALAVRAS-CHAVE:

Relações Internacionais, Teorias das Relações Internacionais, Novas Perspectivas Teóricas.

### KEYWORDS:

International Relations, International Relations Theories, New Theoretical Perspectives.

### Introdução

O presente ensaio apresenta as principais ideias que construíram e foram resultado da construção de uma ciência da Política Internacional, hoje difundida como Relações Internacionais. Este trabalho inicia com a descrição das primeiras ideias registradas nesta linha de pensamento durante a segunda metade dos anos 1940 que deram origem a uma Teoria das Relações Internacionais.

Em seguida, é abordada a complexidade do pensamento destas teorias desde uma tríade de representações da realidade proposta pela Escola Inglesa das Relações Internacionais. O florescimento desta perspectiva é contemporâneo aos juízos sobre uma teoria da interdependência e uma abordagem teórica da estrutura do sistema internacional, ambas igualmente apresentadas neste trabalho.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria Jurídico-Política e Relações Internacionais. Pesquisador do Centro de Investigação em Ciência Política da Universidade de Évora, Portugal. Email: leonardodutra@ymail.com

Do mesmo modo, algumas críticas sobre o sistema internacional, as quais em sua representação teórica são apresentadas neste ensaio em suas ideias reflexivas sobre as relações internacionais, descrevem um horizonte temporal que abarca os anos 1980 e 90 dentro de uma nova ordem mundial. Segue que esta nova ordem já no século XXI acaba por ser desenvolvida a partir de outros temas que constroem o enredamento da política internacional, aqui exemplificados em perspectivas teóricas que apresentam o Pós-colonialismo e a Teoria Verde nas Relações Internacionais.

### **Os primeiros anos das Relações Internacionais**

As Relações Internacionais, enquanto área de conhecimento acadêmico, tiveram origem em torno das duas grandes guerras do século XX, experimentando seu nascimento em meados dos anos 1940.<sup>2</sup> Nesse período, enquanto a teoria política estava relacionada à existência doméstica do Estado, a teoria das Relações Internacionais foi caracterizada como uma especialização da teoria política, não existindo como conhecimento autônomo.<sup>3</sup> No entanto, a evolução do pensamento sobre uma realidade doméstica para um ambiente internacional conseguiu não mais se confundir com outros ramos de estudos nas ciências sociais.

Dessa forma, a multiplicidade de interpretações do cenário internacional, antes entendido exclusivamente pela história, pela economia ou pelo direito internacional,<sup>4</sup> reuniu-se nas Relações Internacionais. Inicialmente a discussão sobre a ordem internacional girou em torno da sustentação ou rejeição à natureza do homem como ponto central das relações internacionais. Buscaram-se explicações para o cenário internacional em conceitos desvinculados da realidade, ou em contrapartida, na realidade aparentemente incoerente do ambiente internacional.<sup>5</sup>

De tal modo, as Relações Internacionais existiram inicialmente na urgência da busca por alterações no mundo pautadas por conceitos universais.

---

2 “A ciência da política internacional está em sua infância” é a frase inicial do livro “Vinte anos de Crise” de Edward Carr, um dos marcos iniciais das Relações Internacionais publicado em 1946 (CARR, 2001, p. 3).

3 Martin Wight publica no ano de 1960 um artigo fundamental para o desenvolvimento das Relações Internacionais discutindo o conceito da existência de uma teoria das Relações Internacionais (WIGHT, 1960).

4 Hans Morgenthau publica em 1948 uma das obras basilares para o realismo nas Relações Internacionais. (MORGENTHAU, 2003).

5 Em sua “Política entre as Nações”, Morgenthau propõe a seguinte perspectiva metodológica para as teorias das Relações Internacionais: “A prova pela qual tal teoria deve ser julgada tem de caracterizar-se por uma natureza empírica e pragmática, e não apriorística e abstrata. Em outras palavras, essa teoria deve ser testada, não em função de algum princípio abstrato preconcebido ou de determinado conceito desligado da realidade, mas sim pelo seu propósito: trazer ordem e sentido para uma massa de fenômenos que, sem ela, permaneceriam desconexos e incompreensíveis” (MORGENTHAU, 2003, p. 3).

Assim como aconteceram no entendimento racional do mundo na forma como ele é, e não como poderia ser. A primeira abordagem sustentou a existência de um ordenamento moral nas relações internacionais baseado em pressupostos abstratos e universalmente válidos nesse ambiente. Desde a evolução da ordem política pautada pela educação de uma natureza humana dotada de maleabilidade infinita, o desenvolvimento internacional seria possível. Dessa forma, supondo o desenvolvimento das obsoletas instituições da sociedade como um caminho para a evolução desse ordenamento internacional (MORGENTHAU, 2003).

Particularmente pode ser verificada, nesta perspectiva, uma despreocupação com os meios que poderiam sustentar tal desenvolvimento. Nesse caso, apostando na evolução natural de um senso de humanidade como remédio para instabilidade da ordem internacional. Negligenciando a desconexão entre objetivos da sociedade internacional em consolidação com as possibilidades de execução desses objetivos pelas jovens organizações internacionais na metade do século XX. Contudo, outra linha de pensamento compreendeu um mundo diferente do supracitado. Essencialmente um mundo preso à natureza humana, logo, dotado de imperfeições. O resultado da interação entre forças oriundas de interesses contrários à natureza humana seria o motivo da impossibilidade da plena realização de princípios morais no ordenamento internacional.

Logo, o desenvolvimento constante seria impossível no ambiente internacional. E assim, o ambiente internacional apenas experimentaria equilíbrios temporários suportados por tipos de soluções precárias dos conflitos no ordenamento internacional. (MORGENTHAU, 2003). Irremediavelmente sempre retornando para natureza conflituosa da existência conjunta das comunidades políticas no espaço internacional. Segue que foram as preferências de determinados atores ou teóricos sobre uma ou outra dessas escolas doutrinárias que estabeleceram inicialmente as Relações Internacionais. Nesse contexto, uma variável recorrente dominou a discussão sobre o espaço internacional: o poder.

Na infância das Relações Internacionais, o poder com ênfases de crítica e de horror, ou resignação e admiração, inicialmente dominou a descrição do cenário internacional.<sup>6</sup> Nesse ambiente, o termo política de poder passou a ser coloquialmente utilizado como sinônimo para designar a política internacional.<sup>7</sup> Assim, as relações internacionais foram interpretadas pela capacidade de um ator influir nas ações de outros, desde sua capacidade de impor sua vontade aos demais (ARON, 2002). Contudo, igualmente é destacado, em meados do século

---

6 Raymond Aron apresenta em 1962 uma via média entre o realismo e o idealismo nas Relações Internacionais (ARON, 2002).

7 Martin Wight publica "Power Politics" em 1946. Wight revisa "A Política do Poder" nos últimos anos de sua vida, contudo, vem a falecer em 1972 antes da publicação desta edição atualizada. Entretanto, as anotações de Wight são aproveitadas e publicadas em uma edição expandida desta obra em 1978. Martin Wight, "Power Politics." *Looking Forward*. n.8, 1946 (WIGHT, 2002)

XX, o entendimento de fatores que extrapolam a natureza do homem como variáveis importantes nas relações internacionais. Particularmente, questionou-se se homem vivendo em sociedade poderia ser mais bem entendido mediante o estudo do homem, ou em contrapartida, da sociedade.<sup>8</sup>

Buscando uma conexão entre o indivíduo e o agrupamento deste, teóricos buscaram isolar o comportamento do homem, do Estado e de um sistema de Estados para entender o ambiente internacional. Nesse caso, buscando compreender as relações internacionais como a justaposição dessas três perspectivas.<sup>9</sup> Igualmente, nesse período, a dicotomia entre otimismo e pessimismo funde-se em um entendimento de complementaridades dessas perspectivas nas relações internacionais. Desde algumas suposições sociológicas, ambas abordagens foram descritas como estágios sucessivos da representação de nossa realidade no mundo (ARON, 2002). Isso demonstra a possibilidade de alargamento do debate exclusivo entre cooperação e conflito nas Relações Internacionais.

Assim, a evolução do pensamento sobre a política internacional passou a descrever um ambiente mais complexo do que sugerem alguns pensamentos racionais do mundo, baseados exclusivamente na forma como as relações internacionais efetivamente são. Contudo, também conseguiu analisar um ambiente internacional de forma mais razoável do que a luta por alterações e desenvolvimento do mundo, pautadas por conceitos universais daquilo que o ambiente internacional poderia ser.<sup>10</sup> Logo, as Relações Internacionais também conseguem entender a atuação dos Estados no cenário internacional desde a explicação dos interesses comuns dessas comunidades.

Desse modo, os objetivos semelhantes das comunidades políticas distinguem duas variáveis para o entendimento do ambiente internacional.<sup>11</sup>

---

8 Kenneth Waltz apresenta em 1954 as ideias iniciais sobre o neorealismo que se consolidaria no final dos anos 1970. Nesta primeira abordagem, Waltz enfatizada uma problemática do período: a questão da guerra e da paz (WALTZ, 2004).

9 Um ensinamento específico ainda pode ser salientado na obra de Kenneth Waltz sobre o comportamento do indivíduo e do Estado. Waltz afirma que atribuir ação aos Estados consiste no emprego de uma palavra para o estabelecimento de uma lógica entre esta – o Estado; e o sujeito da ação – o indivíduo: “Dizemos que o Estado age quando queremos dizer que as pessoas que estão nele agem, da mesma maneira como dizemos que a panela ferve, quando queremos dizer que a água que está dentro dela ferve” (WALTZ, 2004, p. 101).

10 Ensinando sobre a Escola Inglesa das Relações Internacionais que registra suas primeiras ideias ao final dos anos 1950, Andrew Linklater no artigo “The English School,” publicado na obra Scott Burchill (1996), aponta que existe muito mais no ambiente internacional do que os realistas sugerem, contudo, igualmente existe muito menos do que os cosmopolitas desejam.

11 Martin Wight, como muitos pensadores de seu tempo, salientou a dicotomia entre realismo e idealismo: “O excepcional contraste entre a situação de 1945 e a situação de 1918, que está refletido no contraste entre a Carta das Nações Unidas e a Convenção da Liga, consiste na ausência do otimismo, o maior dos realismos. O realismo pode vir a ser algo muito bom: tudo depende se significa o abandono de ideais elevados ou de expectativas tolas” (WIGHT, 2002, p. 310).

A primeira variável apontou o interesse dos Estados em sua própria liberdade, mesmo quando estes demonstram pouca consciência do valor desta liberdade em períodos de paz. Já um segundo ponto demonstrou o interesse comum dos Estados em existir desde a predominância de uma comunidade política no cenário internacional, a qual garante a salvaguarda de alguns valores desse ambiente (WIGHT, 2002). Igualmente, durante o desenvolvimento dessas conjunturas, dois outros entendimentos das relações internacionais trouxeram para o palco teórico internacional diferentes fatores que extrapolaram a natureza humana.

Por um lado, a percepção de um cenário internacional complexo onde a estrutura desse ambiente interfere e constrange as ações dos Estados em suas políticas externas. E por outra perspectiva, uma percepção de uma maior ligação entre os atores no cenário internacional, marcada pela interdependência entre os Estados com outros agentes nesse ambiente. Tais perspectivas originam um debate internacional que passou a considerar novos padrões da existência internacional. Inaugurando no último quarto do século XX um campo original de ideias sobre novos paradigmas aceitos pela política internacional. Particularmente, é inserido no enredado cenário teórico das Relações Internacionais a economia e os fatores ambientais como importantes variáveis para o entendimento do cenário internacional, inaugurando novos olhares sobre a ordem internacional e destacando novas perspectivas como únicas, até que estas cedessem lugar a novas visões dessa mesma ordem.

### **A sofisticação das teorias clássicas nas Relações Internacionais**

As alterações no mundo durante o século XX desenvolveram formas sofisticadas de relacionamento entre os atores internacionais. São aprofundadas as interconexões de uma sociedade internacional em desenvolvimento. E os objetivos desse grupo social fomentam em alguns casos uma maior ligação das comunidades políticas, e em outros, o afastamento. Nesse ambiente, no mínimo três vertentes teóricas se destacaram nas Relações Internacionais.

Primeiramente, uma via média racionalista de entendimento do espaço internacional com origem na academia europeia. Bem como um novo debate entre a interdependência e a estrutura do sistema internacional na academia norte-americana. Na Europa, pensadores delinearam o cenário internacional a partir de três tipos de representações capazes de descrever a realidade em diferentes tempos e espaços. A anarquia, os hábitos de uma sociedade internacional e a potencialidade de uma solidariedade moral entre os povos apresentam uma via média de entendimento entre o mundo que existe e aquele que poderia

existir.<sup>12</sup> Todavia, para além dessa via média<sup>13</sup> das Relações Internacionais, duas percepções concorrentes também encontraram espaço em uma teoria da política internacional.

Nos Estados Unidos são sugeridas duas equilibradas análises do cenário internacional. Por um lado, uma perspectiva pautada na interdependência, e por outro, pela estrutura do sistema internacional. Desse modo, em um mundo de paradigma liberal, as Relações Internacionais deram maior importância para variáveis como a interdependência econômica e ecológica dos Estados.<sup>14</sup> Tal paradigma propiciou um aprofundamento nas relações entre os Estados, salientando uma interdependência complexa entre essas comunidades. Essa situação pode ter sido resultado de alterações nas características dos próprios Estados e do cenário internacional nos últimos dois séculos.

O desenvolvimento do estado de bem-estar social em algumas comunidades, diversos progressos tecnológicos, os aumentos da capacidade de destruição dos armamentos, entre outras variáveis, sustentam essa abordagem. Contudo, o paradigma liberal é um fator condicionante na construção de objetivos para a sociedade internacional. Uma falsa liberdade experimentada pelos atores internacionais impulsiona a edificação de metas pautadas pela livre existência das comunidades políticas no mundo.

No entanto, o exercício desta liberdade é condicionado pela dependência que os Estados têm de diversos fatores no mundo. Dependência de elementos econômicos, militares, ecológicos e ideológicos, entre outros, que extrapolam as fronteiras das comunidades políticas independentes. Segue que, dentro de um paradigma liberal, o cerceamento das liberdades dos atores internacionais nem sempre é sentida por esses atores. Dessa forma, imputando uma semelhança temporal nas escolhas individuais e livres dos atores sobre os elementos que

---

12 A Escola Inglesa (embora ainda não assim denominada) oferece por meio de Hedley Bull em 1977 a descrição de uma “Sociedade Anárquica” composta por três tradições de pensamento: Hobbesiana ou Realista, Grociana ou Racionalista, e Kantiana ou Universalista. A abordagem de Bull remonta os seminários de Martin Wight na London School of Economics durante os anos 1950, onde Wight classificou tais tradições como Realista, Racionalista e Revolucionária (BULL, 2002; WIGHT, 2005).

13 José Maltez registra que as Relações Internacionais em Portugal desde os pensamentos de Adriano Moreira assumiram um lugar paralelo aos juízos franceses e ingleses sobre o tema, indicando uma “terceira via” em que “o legado maquiavélico vive[u] em permanente tensão com certas ascensões ao idealismo” (MALTEZ, 2002, p. 211). Por seu turno, Adriano Moreira, ensinando sobre “divisões paradigmáticas” registrou que as produções sobre as relações internacionais mantêm ainda hoje uma referência a algumas perspectivas clássicas, nomeadamente o realismo, o racionalismo e o universalismo dependentes de Maquiavel, Grotius e Kant (MOREIRA, 2011).

14 A necessidade de institucionalização do liberalismo que trouxe paz para o final do século XIX e a capacidade de cooperação técnica experimentada pelos Estados europeus em reconstrução depois da Segunda Guerra, conjuntura teórica conhecida como Funcionalismo e Neofuncionalismo, entre outros fatores, fomentaram a publicação em 1977 de “Poder e Interdependência”, consolidando o Neoliberalismo como uma importante fonte de argumentos para as Relações Internacionais. (KEOHANE; NYE, 2011).

sustentam suas existências. Ou dito de outra forma, os atores internacionais são livres para fazerem suas escolhas somente dentro de um paradigma liberal. Logo, podem escolher desde que suas escolhas encaixem dentro um reduzido número de opções aceitas como legítimas pela sociedade internacional. E assim, as comunidades políticas experimentam uma falsa impressão de liberdade de escolha em suas existências. Garantindo dessa forma a homogeneidade de objetivos no espaço internacional. De tal modo, atribuindo coesão a uma sociedade formada pelos atores internacionais.

Segue que esses elementos tornaram mais complexa a análise da existência das unidades políticas independentes. Sugerindo a existência de um cenário internacional mais complexo do que o ambiente descrito por uma perspectiva de poder e segurança da natureza humana (KEOHANE; NYE, 2011). Todavia, mesmo diante da interdependência entre os atores internacionais, essa abordagem não conseguiu refutar a existência de um ambiente onde o poder existe em um mundo assimétrico. As capacidades de poder e as características de barganha dos atores internacionais nesse ambiente ratificam as tradicionais compreensões das Relações Internacionais. Dessa forma, corroboram a atenção já dada a fatores como segurança e o poder militar dos Estados, porém, existindo em um conjunto dotado de novos paradigmas, como a dependência dos atores internacionais a variáveis como a economia em escala global (KEOHANE; NYE, 2011).

Em um ambiente onde o ordenamento dos Estados não encontra um poder tangível capaz de barrar as intenções dos atores internacionais, a insegurança é uma realidade internacional. Logo, a insegurança que as comunidades políticas experimentam sustenta velhos enfoques teóricos sobre os tradicionais entendimentos das Relações Internacionais<sup>15</sup>. Devido à impossibilidade de os Estados determinarem uma quantidade ótima de poder diante dos outros atores, uma luta eterna por crescimento é a realidade das comunidades políticas. Pois é impossível estabelecer o número apropriado de poder necessário para um Estado, constringendo as comunidades políticas a uma infinita busca por melhores capacidades relativas diante dos outros atores internacionais.<sup>16</sup>

---

15 Kenneth Waltz consolida uma revisitação ao Realismo clássico com a publicação de “Teoria das Relações Internacionais” em 1979. Neste, Waltz apresenta o Neorealismo pelo isolamento da estrutura do cenário internacional. Sobre o Neorealismo, Waltz ressalta: “Primeiramente o poder fornece os meios para mantermos a nossa autonomia face à força que os outros exercem. Segundo, maior poder permite maiores raios de ação, enquanto deixa incertas as resultantes da ação. [...] Terceiro, os mais poderosos gozam margens mais largas de segurança ao lidarem com os menos poderosos e têm mais a dizer sobre que jogos serão jogados e como. [...] Quarto, muito poder dá aos seus possuidores uma grande participação no seu sistema e a capacidade de agir para o seu bem. Para eles, a gestão torna-se, ao mesmo tempo, valiosa e possível” (WALTZ, 2002, p. 265-266).

16 Persistindo no tempo (desde Morgenthau, Waltz, e outros), John Mearsheimer, já no século XXI, demonstra a natureza do homem transposta às Relações Internacionais em seu realismo ofensivo (MEARSHEIMER, 2007).

Contudo, apesar da ratificação de velhos entendimentos do ambiente internacional, a complexidade da ordem também é discutida em alguns círculos acadêmicos. Nesse período, uma compreensão mais profunda da ordem e da natureza do ambiente internacional se consolida desde uma via média oriunda da academia europeia.<sup>17</sup> Pois as relações internacionais podem ser entendidas não só pelo conflito ou uma balança de poderes. E assim, os estudos sobre a cooperação se destacam nas análises das teorias das Relações Internacionais. Nessa abordagem, a cooperação no cenário internacional passa a ser caracterizada por diversas perspectivas. Particularmente, pela coerção, pelo interesse próprio e benefícios recíprocos, pelos hábitos institucionalizados ou pela inércia dos agentes envolvidos. Da mesma forma, existe cooperação desde um senso de comunidade pela legitimação de regras. Ou ainda, coopera-se a partir da solidariedade moral que poderia advir de um senso de justiça compartilhado no ambiente internacional (ROBERSON, 1998).

Assim, uma ordem global baseada em uma dupla abordagem entre o poder e a operação das normas legais e morais poderia igualmente explicar as relações internacionais. E aliando-se a isso, algumas dimensões econômicas, sociais, políticas e ecológicas, foi possível constatar no período a consolidação do entendimento de uma ordem mundial. Pois o aumento na densidade do processo de globalização tornou mais complexo o entendimento das relações internacionais. Dessa forma, inserindo novos atores nessas interações, delineando a complexidade do entendimento da ordem internacional. Apresentando novos entendimentos sobre as normas em uma sociedade internacional. Desenvolvendo a construção de regras sobre temas como a autodeterminação dos povos ou os Direitos Humanos.

Nesse contexto, um autoquestionamento sobre os fundamentos que sustentam as relações internacionais aparece no último quarto do século XX entre os pensadores do espaço internacional. Dessa forma, inserindo a questão epistemológica no entendimento do ambiente internacional e inaugurando o reflexivismo e as novas formas de pensamento sobre as Relações Internacionais no século XXI.

### **O Reflexivismo nas Relações Internacionais**

O fim de uma ordem mundial bipolar na transição para o século XXI trouxe consigo a manifestação de diversas abordagens explicativas nas relações internacionais. Nesse período, algumas teorias fomentaram investigações de fatores como a cultura, as identidades e a razão do indivíduo enquanto sujeito

---

17 Andrew Hurrell, expoente da Escola Inglesa das Relações Internacionais contemporânea, apresenta avanços sobre a ordem internacional no artigo "Society and Anarchy in International Relations," em livro editado por Barbara Roberson (1998).

nas Relações Internacionais. Algumas dessas abordagens sugeriram a alienação do homem no cenário internacional causada pela imposição de um campo de conhecimento normativo nas relações internacionais.<sup>18</sup> Nessa perspectiva, o conceito de poder estaria construindo paradigmas aceitos como verdadeiros no espaço internacional. Logo, edificando um julgamento sobre a guerra ou a paz como perspectivas naturais da nossa existência sem conseguir comprovar a naturalidade dessas experiências.<sup>19</sup> Da mesma forma, evidenciando que as teorias nas Relações Internacionais são sempre para alguém e para algum propósito (COX, 1986).

Uma das questões que surgem nesse período é o papel das Relações Internacionais enquanto campo de conhecimento. Porque seria possível que as Relações Internacionais não apenas descrevessem a realidade. Contudo, construíssem a realidade no mundo quando prescrevem comportamentos caracterizados como naturais para os atores internacionais. Centralizando na soberania dos Estados os entendimentos sobre as interações internacionais<sup>20</sup>. Nessa perspectiva, o progresso seria o ponto central para a teoria política interna ao Estado, enquanto a anarquia seria o ponto fundamental para as Relações Internacionais. Desde uma produção de saberes, as Relações Internacionais sustentariam a reprodução das diferenças no mundo desde dicotomias como o realismo e o idealismo, a identidade e a diferença, ou a comunidade e a anarquia (WALKER, 1993). Assim, as teorias das Relações Internacionais estariam difundindo a importância do Estado e negligenciando mudanças das relações no mundo contemporâneo, como a porosidade das fronteiras e a desconstrução da figura do Estado.

De tal modo, o reflexivismo nas Relações Internacionais aumenta a complexidade desse campo de estudos. Pois é possível que o interesse e os objetivos dos atores internacionais transcendam uma abordagem unicamente racional para o entendimento das relações internacionais. Demonstrando o desconhecimento que temos sobre a formação desse interesse em oposição à formação dos interesses dos outros atores. Porque em um processo de interação contínua entre os agentes e as estruturas, seria facultada aos atores internacionais a possibilidade de

---

18 Mudanças nas últimas duas décadas do século XX fomentam novas abordagens nas Relações Internacionais, nomeadamente perspectivas Reflexivas neste campo de estudo como o Construtivismo, a Teoria Crítica e o Pós-modernismo.

19 Nas anotações sobre uma Teoria Crítica nas Relações Internacionais, Robert Cox sustenta que as teorias pautam-se por perspectivas que inevitavelmente derivam de posicionamentos sociais e políticos de diferentes tempos e espaços (KEOHANE, 1986).

20 Robert Walker defende que as teorias das Relações Internacionais são mais importantes como um aspecto da política do mundo contemporâneo do que como explicação da política mundial atual. As teorias das Relações Internacionais podem ser interpretadas como um discurso do Estado moderno, como uma prática constitutiva deste, gerando assim, efeitos nas diversas realidades da vida cotidiana (WALKER, 1993).

construção de novas identidades. Sugerindo tanto a constituição de identidades heterogêneas entre comunidades, como indicando a homogeneização de identidades em outras regiões. Logo, suscitando a possibilidade de cooperação de grupos que não mais se veriam como antagônicos, porém, semelhantes.<sup>21</sup>

Além disso, a linguagem passa a receber atenção das Relações Internacionais nesse contexto, apontando ligações entre o discurso e a ação no cenário internacional.<sup>22</sup> Segue que a cultura, ou o aprendizado ocorrido no processo de comunicação entre diversos indivíduos, constrói conceitos sobre o válido ou desejável, inválido ou não desejável. Esses julgamentos funcionam como ideias abstratas que fornecem sentido e direção aos seres humanos na interação com o mundo social (GIDDENS, 2010). Tal perspectiva nos permite analisar a construção daquilo que as comunidades políticas julgam como verdade. Por exemplo, suscitando que o conceito de soberania pode não ter sido dado *a priori* para as comunidades humanas.

Logo, os grupos que conflitam pela diferenciação entre soberanias o fazem porque aprenderam a interpretar suas existências em um alargado processo de comunicação no tempo (WALKER, 1993). Igualmente, novas abordagens reivindicatórias no cenário internacional ganham espaço no debate sobre o certo e o errado nas relações internacionais. Criticando os impactos da história na construção de realidades pouco apropriadas para algumas comunidades não desenvolvidas no cenário internacional.<sup>23</sup> Tal perspectiva critica o atual sistema formado pelos Estados e demanda um alargado universalismo no cenário internacional. Assim, essa abordagem contesta algumas das instituições que deliberam sobre o ordenamento internacional, reclamando mais poder de decisão para aqueles que foram deixados à margem das decisões do cenário internacional

---

21 Abordagens que transcendem o racionalismo são representadas aqui pelo Construtivismo proposto por Alexander Wendt no livro “Social Theory of International Politics” de 1999. Trabalhando a perspectiva de que agentes e estruturas se formam mutuamente no cenário internacional, Wendt constrói uma tipologia de análise para buscar clarificar a formação das estruturas culturais e seus respectivos resultados desde três dimensões: primeiro entre o que conceituamos como conhecimento comum e coletivo; segundo, entre a causalidade e constituição dos fatos; e terceiro, entre os efeitos desses fatos sobre as identidades e os interesses. Desses fatores, Wendt consegue distinguir uma estrutura “material” e uma estrutura “ideacional” nas relações internacionais, as quais, fundem-se em um único sistema social constituído por ambas as estruturas (WENDT, 1999).

22 O Construtivismo proposto por Nicholas Onuf estabelece a perspectiva de que os grupos humanos podem constituir lógicas de discurso baseadas na racionalidade, no carisma ou nas tradições, construindo respectivamente, tipos de comunicação assertiva, comprometida e diretiva nesses grupos. Isso pode explicar a composição das comunidades políticas, por exemplo, onde a comunicação se liga com a construção de organizações qualificadas desde diferentes características, como as sustentadas pela hegemonia de determinadas partes, pela ausência de autonomia delas, ou ainda, pela hierarquia, estabelecidas respectivamente a partir das tipologias dos discursos acima propostas (ONUF, 1989).

23 Tais reivindicações de maior voz para os excluídos do cenário internacional podem ser alocadas dentro da perspectiva teórica chamada de Pós-colonialismo. Entre outros autores, Siba Grovogui em seu artigo “Postcolonialism,” presente na obra editada por Dunne et al. (2013), sustenta tal abordagem.

no tempo. Em última análise, sustentando a necessidade de integração entre identidades, culturas e instituições híbridas no cenário internacional.

No entanto, a crítica generalizada ao sistema formado pelos Estados<sup>24</sup> ocupa um relevante espaço entre as teorias das Relações Internacionais no mundo contemporâneo.

Tal abordagem, remontando ideias de 1970, aparece no início do século XXI propondo uma releitura de enfoques racionais e reflexivos das Relações Internacionais dentro da moderna percepção da humanidade sobre a degradação ambiental causada pela expansão industrial do último século.

De tal forma, alguns teóricos reinventam antigos conceitos sobre a roupagem de “segurança ecológica”, “desenvolvimento sustentável” e “justiça ambiental”, entre outros, para descrever ou prescrever o comportamento de alguns atores internacionais no mundo contemporâneo. Assim, condenando os principais modelos ideológicos que sustentam a realidade do cenário internacional pelo subdesenvolvimento de algumas partes do planeta. Particularmente, censurando as perspectivas que elegem a liberdade como ponto fundamental para as sociedades humanas. Bem como, igualmente, criticando as abordagens que apontam a igualdade como pedra fundamental para nossa existência em sociedade. De tal modo, a pluralidade de ideias apresentadas por diversos pensadores das Relações Internacionais ilustra a pluralidade de valores no espaço internacional. Construindo Teorias das Relações Internacionais tão simples quanto o enredamento dos atores no espaço internacional.

### **Considerações Finais**

Como abordado neste ensaio, existe uma variada gama de entendimentos sobre o ordenamento dos atores no espaço internacional. Nesse contexto, o debate entre a repetição ou o desenvolvimento das relações internacionais tem marcado o entendimento sobre o espaço internacional na história. Pois, enquanto algumas visões de mundo entendem a impossibilidade de expansão do equilíbrio internacional, outras buscam provar a naturalidade dessa possibilidade. Contudo, todas as representações teóricas possuem uma variável de trabalho comum: o cenário internacional.

Dessa forma, embora a ênfase na paz e na guerra ou no racionalismo e no reflexivismo seja relativa, todas as conjecturas precisam teorizar sobre a mesma matéria prima.

Logo, é possível que o conjunto das diferentes visões que compõe as relações internacionais seja distinto apenas em perspectiva. Ou seja, as visões

---

24 Conforme registra Robyn Eckersley em seu artigo “Green Political Theory,” publicado na obra editada por Dunne et al. (2013), a Teoria Verde acabou por abarcar conceitos mais complexos que a preocupação unicamente com o meio ambiente. Desde os anos 1990, a Teoria Verde ocupa-se em desafiar e propor mudanças mais generalistas às principais tradições políticas que construíram o atual ordenamento mundial, nomeadamente o liberalismo e o socialismo.

do espaço internacional privilegiam perspectivas distintas do mundo em suas abordagens. No entanto, ainda possuem bastante similaridade em vários aspectos descritivos de suas definições da realidade.

Segue que alguns elementos cognitivos influem na construção da realidade nas relações internacionais. Pois as perspectivas existentes sobre o espaço internacional podem estar relacionadas com a incapacidade dos indivíduos de apontar certos comportamentos em uma determinada realidade. Entre outros motivos, porque essas realidades podem ser resultado de uma reorganização contínua de processos mentais que acabam por construir os mundos em que vivemos, os quais as Teorias das Relações Internacionais buscam explicar.

Nesse contexto, é possível conjecturar que a sociedade internacional acaba por determinar quais tipos de ideias são predominantes diante das demais. Ou posto de outra maneira, define quais paradigmas ou teorias são aceitas como verdadeiras no cenário internacional.

Pois o analista contemporâneo das Relações Internacionais frequentemente tem dificuldade em escapar de uma contemplação de mundo que não compreenda ou demande algumas verdades específicas. Segue que a tentativa de agrupamento dessa massa de elementos aparentemente desconexos produziu, e ainda produz uma diversidade de perspectivas sobre a interação dos atores no espaço internacional. Abordagens estas que versam sobre o mesmo mundo. Discutem o mesmo ambiente internacional e, portanto, apesar das diferenças, possuem severas semelhanças em suas perspectivas sobre as relações internacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raymond. (2002), **Paz e Guerra entre as Nações**. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

BULL, Hedley. (2002), **A Sociedade Anárquica: um estudo da ordem na política mundial**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

CARR, Edward. (2001), **Vinte anos de Crise: 1919 – 1939: uma introdução ao estudo das Relações Internacionais**. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

BURCHILL, Scott et al. (1996), **Theories of International Relations**. Londres, Palgrave Macmillan.

DUNNE, Tim et al.. (2013), **International Relations Theories: discipline and Diversity**. Oxford, Oxford University Press.

KEOHANE, Robert. (1986), **Neorealism and Its Critics**. Nova Iorque, Columbia University Press.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. (2001), **Power and Interdependence**. Nova Iorque, Longman.

MALTEZ, José. (2002), **Curso de Relações Internacionais**. S. João do Estoril, Principia.

MEARSHEIMER, John. (2007), **A Tragédia da Política das Grandes Potências**. Lisboa, Gradiva.

MOREIRA, Adriano. (2011), **Teoria das Relações Internacionais**. Coimbra, Edições Almedina.

MORGENTHAU, Hans. (2003), **A Política entre as Nações. A luta pelo poder e pela paz**. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

ONU, Nicholas. (1989), **World of Our Making: rules and rule in Social Theory and International Relations**. Columbia, University of South Carolina Press.

ROBERSON, Barbara. (1998), **International Society and the Development of International Relations Theory**. Londres, Continuum.

WALKER, Robert. (1993), **Inside/Outside: International Relations as a Political Theory**. Cambridge, Cambridge University Press.

WALTZ, Kenneth. (2004), **O Homem, o Estado e a Guerra: uma análise teórica**. São Paulo, Martins Fontes.

WALTZ, Kenneth. (2002), **Teoria das Relações Internacionais**. Lisboa, Gradiva.

WENDT, Alexander. (1999), **Social Theory of International Politics**. Cambridge, Cambridge University Press.

WIGHT, Martin. (2002). **A Política do Poder**. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

WIGHT, Martin. (2005), **Four Seminal Thinkers in International Theory: Machiavelli, Grotius, Kant, and Mazzini**. Nova Iorque, Oxford University Press.

WIGHT, Martin. (1960), “Why is there no International Theory?” **International Relations**. n. 2, 35-48.

Recebido em Março de 2015  
Aprovado em Abril de 2015